



ITÁLIA / Triunfo da coalizão de direita e ultradireita liderada por Giorgia Meloni lança dúvidas sobre a união tripartidária para assegurar a governança. Especialistas veem suavização da retórica e dificuldades na conciliação das posições ideológicas

Uma era de incertezas

» RODRIGO CRAVEIRO

A vitória da coalizão de extrema-direita e direita nas eleições legislativas da Itália — com a provável ascensão de Giorgia Meloni ao cargo de primeiro-ministro — lança o país numa era de incertezas em relação à própria governabilidade e ao enfrentamento dos desafios políticos e econômicos. Admiradora do ex-premiê Benito Mussolini (1922-1945), Meloni tem buscado suavizar o discurso e se afastar da retórica radical adotada na campanha. “A Itália nos escolheu e não a trairemos. Se somos chamados a governar, o faremos por todos os italianos, com o objetivo de unir este povo e valorizar o que o une, não o que o divide”, afirmou a líder do partido Irmãos da Itália (Fratelli d’Italia, pós-fascista). Não será uma tarefa simples.

Os seus aliados Matteo Salvini, da Liga (anti-imigração), e Silvio Berlusconi, do Força Itália (direita), tentarão viabilizar a formação de governo nos próximos dias. Para isso, precisarão superar as divergências. Até o fechamento desta edição, com 60.375 das 60.399 seções apuradas, o Irmãos da Itália tinha 26% dos votos, enquanto o Partido Democrático (PD, de centro-esquerda) aparecia com 19%. O Movimento 5 Estrelas contabilizava 15,6%. A Liga e a Força Itália haviam conquistado, respectivamente, 8,9% e 8,3% dos votos. Em 13 de outubro, os 200 senadores e 400 deputados se reunirão no Parlamento para confirmar Meloni como primeira-ministra, após o convite formal a ela feito pelo presidente Sergio Mattarella.

“Meloni conta com grande apoio do Parlamento. No entanto, há um grande problema: ela não poderá governar sozinha. Para isso, precisará do apoio da Liga e da Força Itália e terá que moderar quaisquer políticas extremas. Precisaremos ver até que ponto

esses três partidos que ganharam a eleição entrarão em acordo e em harmonia para formarem um governo”, afirmou ao **Correio** Franco Pavoncello, professor de ciência política da Universidade John Cabot (em Roma). “Meloni defende um papel muito centralizador do Estado. Salvini, da Liga, é defensor da autonomia regional. Veremos muitas divergências no governo, e isso terá grande impacto político. Mas, uma vez que você está no poder, precisa manter a coesão.”

Historiador político da Universidade Luiss Guido Carli, em Roma, Lorenzo Castellani entende que o programa de governo da coalizão liderada por Meloni seduziu o eleitorado italiano por ser “muito pragmático”, com propostas de reduzir os impostos e a burocracia. “Ele também defende o endurecimento da política migratória, a fim de deter os imigrantes ilegais. Tudo isso foi percebido como importante para os italianos”, disse à reportagem.

Respeito às leis

De acordo com Castellani, Meloni é vista como uma política consistente e capacitada para comandar a Itália. “Ela nunca participou de outros governos e jamais integrou outras coalizões. Ainda assim, ganhou forte apoio e credibilidade como líder. Em um primeiro momento, podemos esperar uma abordagem suave em relação à União Europeia e à lei orçamentária”, observou. O historiador aposta que Meloni mostrará posições mais conservadoras no campo dos direitos humanos, mas prevê o respeito às leis italianas.

Por sua vez, Lorenzo Codogno — professor visitante do Instituto Europeu da London School of Economics and Political Science (LSE) — explicou ao **Correio** que a Liga e Irmãos da Itália não estão perto de obter uma maioria absoluta sem o Força Itália, devido

Andreas Solaro/AFP



Giorgia Meloni, líder do partido ultraconservador Irmãos da Itália, discursa em Roma: primeira mulher no poder

ao colapso do partido de Salvini. “Isso proporcionará algum equilíbrio à coalizão e seria algo positivo para os mercados financeiros. As políticas podem se inclinar mais para o centro, reduzindo riscos, especialmente para a política externa e a postura em relação à Europa”, comentou. Ele não descarta que a Liga mude de liderança. Isso porque, de acordo com Codogno, o apoio a Salvini entrou em colapso no sul e no centro da Itália. “O partido está lado a lado com o Força Itália, de Berlusconi, pela segunda posição na coalizão. A primeira reação de Salvini e da Liga será essencial para avaliar desdobramentos. Uma mudança no comando da Liga produziria uma transformação no equilíbrio político em direção ao centro. Se a Liga aceitar um papel muito reduzido na busca pelo poder, seria

positivo para a estabilidade do governo”, disse Codogno.

Em seu primeiro discurso após a eleição, Salvini assegurou que “a Itália tem cinco anos pela frente de estabilidade”. Por sua vez, o ex-premiê Berlusconi prometeu que seu partido será “determinante e decisivo”.

Colaboração

A União Europeia (UE) admitiu que trabalha com quaisquer governos emergentes das eleições no bloco e instou uma cooperação com a nova liderança da Itália. “Esperamos ter uma cooperação construtiva com as novas autoridades italianas. No momento, esperamos que a Itália proceda com a nomeação de um governo”, disse Eric Mamer, porta-voz da Comissão Europeia, o braço executivo da UE. Por sua

vez, a Alemanha mostrou confiança sobre a manutenção do status quo na relação com os italianos. Wolfgang Büchner, porta-voz do governo alemão, ressaltou que “a Itália é um país muito favorável à Europa, com cidadãos e cidadãs muito favoráveis ao continente. Partimos do princípio de que isto não mudará”.

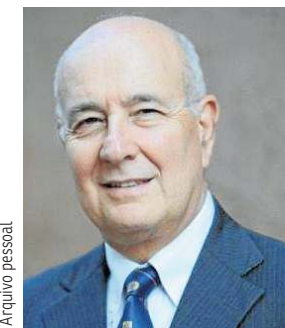
O triunfo de Meloni divide a Europa. Os direitistas e conservadores Polônia e Hungria, e a extrema-direita na Espanha e na França, não esconderam o entusiasmo com a ascensão dos ultraconservadores na Itália. José Manuel Albares, ministro das Relações Exteriores da Espanha (socialista), advertiu que os populismos “sempre terminam em catástrofe”. A premiê francesa, Elisabeth Borne, sublinhou que o país estará “atento” ao “respeito” aos direitos humanos.

Matteo Bazi/Ansa/AFP



Silvio Berlusconi, líder do Força Itália: expulso do Senado em 2013

Eu acho...



Arquivo pessoal

“Quando Giorgia Meloni estava na oposição, desempenhava um papel diferente. Agora, tentará colocar pessoas de diferentes espectros no governo e buscará não radicalizar a política na Itália. Ela terá um trabalho muito difícil pela frente, pois precisará encontrar dinheiro e lidar com a situação na Europa, que é bastante complicada. Acho que teremos uma premiê bastante prudente, que tentará descobrir como seguir adiante. Certamente há preocupação em várias nações europeias de que o sucesso da extrema-direita italiana possa levar a outros êxitos.”

Franco Pavoncello, professor de ciência política da Universidade John Cabot (em Roma)



Arquivo pessoal

“Não estamos tão preocupados e temerosos com a extrema-direita, porque temos uma Constituição. Além disso, Meloni não demonstra uma abordagem antidemocrática e iliberal. A democracia italiana é sólida e grande. Nós conseguimos muito bem gerenciar os partidos populistas nos últimos anos. A democracia italiana é muito flexível e resiliente, com um sistema de freios e contrapesos, com valores e com pluralismo. Meloni é uma outsider e precisará lidar com governos de esquerda ou de centro-esquerda na União Europeia.”

Lorenzo Castellani, historiador político da Universidade Luiss Guido Carli, de Roma

O retorno de Berlusconi

O ex-primeiro-ministro e magnata Silvio Berlusconi, 85 anos, líder de um dos partidos que integram a coalizão de direita vencedora das eleições legislativas na Itália no domingo, foi reeleito ao Senado, do qual foi expulso em 2013 por fraude fiscal.

Dono de um time de futebol da Série A (Milan), o antigo líder conservador venceu as eleições em Monza (norte), sob a bandeira de seu partido Força Itália, que obteve 8% dos votos contra 26% do partido pós-fascista Irmãos da Itália de Giorgia Meloni.

Uma vitória com doce sabor de vingança para o bilionário,

apelidado de “imortal”, por sua longa trajetória na política, após ter se lançado em 1994. Sua atual companheira, Marta Fascina, 32 anos, foi eleita deputada de uma região que mal conhece, como ela mesma confessou.

Berlusconi, três vezes premiê, pode voltar à linha de frente da política graças ao fato de sua desqualificação ter expirado em 2018. Em 2013, ele classificou sua exclusão do Senado como “dia de luto pela democracia”.

Em sua nona campanha eleitoral, talvez a última, realizada principalmente nas redes sociais, conquistou 600 mil seguidores no

TikTok, a rede social das gerações mais jovens. Em um vídeo, visto mais de um milhão de vezes, ele se gaba de ter matado uma mosca e em outro brinca sobre roubar namoradas dos jovens de 18 anos.

“Sempre fui o número um”, proclama com um sorriso, o mesmo com que trata os dois parceiros de coalizão, Giorgia Meloni, a vencedora das eleições, e o líder da Liga, Matteo Salvini. Apesar dos problemas de saúde e escândalos sexuais, o bilionário se apresenta como mediador da coalizão de direita ao defender o europeísmo contra Salvini e Meloni, conhecidos por seu euroceticismo.

CUBA

Yamil Lage/AFP



Outdoor a favor do casamento entre pessoas LGBTQIA+, em Havana

Código das Famílias autoriza união gay

Cuba votou a favor de legalizar o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a adoção gay e a barriga de aluguel, ao “ratificar” em referendo o Código das Famílias apoiado pelo governo. “Ganhou o ‘sim’. Fez-se justiça”, celebrou o presidente Miguel Díaz-Canel, em sua conta do Twitter. “Aprovar o Código das Famílias é fazer justiça. É saldar uma dívida com várias gerações de cubanas e cubanos, cujos projetos de família estão há anos esperando por esta Lei. A partir de hoje, seremos uma nação melhor”, acrescentou o presidente.

Segundo o Conselho Nacional Eleitoral (CEN), 6.251.786 eleitores exerceram seu direito

de voto, o equivalente a 74,01% do padrão. Do total de 5.891.705 votos válidos, 3.936.790 foram no “sim” (66,87%), e 1.950.090 no “não”. A legislação precisava de mais de 50% de apoio para ser validada.

Apesar do resultado favorável ao código, a participação foi menor do que a registrada para aprovar a nova Constituição, em 2019, quando alcançou 90,15%. E foi o percentual mais alto de voto contra recebido pelo governo cubano. “Temos que nos acostumar que, em temas tão complexos, onde há diversidade de critérios”, no país, “também pode haver (...) um voto punitivo”, admitiu o presidente, no domingo, depois de votar.

O cientista político cubano Rafael Hernández considerou que “o Código é um passo efetivo na direção da justiça social”, além de ser a peça legal “mais importante em matéria de direitos humanos” desde o início da Revolução.

“Ratificado pelo povo”

Os resultados preliminares indicam uma “tendência irreversível”, com 66% dos votos apurados até agora a favor da nova legislação, disse a presidente do Conselho Nacional Eleitoral (CEN), Alina Balseiro, à televisão estatal. “O Código das Famílias foi ratificado pelo povo”, afirmou. A legislação

precisava de mais de 50% de apoio para ser validada.

Alvo de uma intensa campanha midiática e nas redes sociais por parte do governo, o novo Código das Famílias entrará em vigor imediatamente, substituindo o vigente desde 1975. Seu texto define o casamento como a união “entre duas pessoas”. Com isso, abre as portas para o casamento homossexual e para a adoção para casais do mesmo sexo. Também permite o reconhecimento legal de vários pais e mães, além dos biológicos, assim como a barriga de aluguel, sem fins lucrativos, além de agregar outros direitos que favorecem crianças, idosos e deficientes.